



Objetos (extra)ordinários que desafiam o tempo

Adélia Borges

“O que lembro, tenho.”

João Guimarães Rosa, em *Grande Sertão, Veredas*

A exposição *Artefatos do Sul – Legados da imigração alemã e italiana* celebra a pluralidade cultural brasileira, ao trazer o foco para o ainda pouco conhecido e analisado design desenvolvido pelos imigrantes europeus no sul do Brasil. Móveis, ferramentas de trabalho, elementos construtivos, brinquedos e utensílios domésticos feitos entre a segunda metade do século 19 e as décadas iniciais do século 20 conjugam as lembranças, as técnicas e os costumes trazidos pelos imigrantes de sua terra natal, de um lado, e as condições e materiais que encontraram na terra de adoção, de outro. São objetos que podemos chamar de “ordinários”. Foram feitos por e para pessoas comuns, para uso em seu cotidiano – e como podem ser extraordinários nessa condição!

As obras fazem parte do universo de cerca de 6.500 itens da Coleção Tina e Calito de Azevedo Moura, garimpadas nas últimas cinco décadas no interior do Rio Grande do Sul (a maioria), Santa Catarina e Paraná. Apaixonei-me por elas em meados dos anos 1990, quando as vi pela primeira vez. Eu era então editora da revista *Design & Interiores*, e fui conhecer mais de perto o trabalho de Tina e de sua irmã gêmea Lui Lo Pumo em design de mobiliário

e projetos de revitalização de artesanato. As condições de observação, permitam-me dizer, não eram das melhores. Muito numerosos, os objetos amontoavam-se uns sobre os outros nos sobradinhos do bairro Moinhos de Vento, em Porto Alegre, onde vivem e trabalham Tina e Calito. No entanto, foi como uma epifania: o olhar sensível dos colecionadores descortinava aos meus olhos lições de inventividade e singeleza.

A cada ida a Porto Alegre, deliciava-me com novas aquisições. A opção dos colecionadores de não variar demais as tipologias – e sim explorar diferentes feições que uma mesma tipologia de artefato pode ter – era uma excelente oportunidade para refletirmos sobre os caminhos do design em nosso país. Na institucionalização do ensino de design no Brasil, ocorrida a partir da década de 1960, com a criação da Escola Superior de Desenho Industrial (Esdi) no Rio de Janeiro, adotou-se de forma acrítica o axioma “a forma segue a função”, o que durante certo tempo funcionou como uma camisa de força para os designers. O acervo permitia constatar que a forma segue sim a função, mas segue também a cultura, o tempo, o lugar, e o desejo e os sonhos das mentes que concebem os objetos e das mãos que os conformam. E isso precisava ser mostrado a um público maior, numa exposição que fizesse jus à sua importância e representatividade.

A primeira chance ocorreu quando eu era diretora do Museu da Casa Brasileira (MCB), em São Paulo. Em 2006, *Desenho anônimo – Legados da imigração no sul do Brasil* ocupou as principais salas do museu, com curadoria do colega gaúcho Alfredo Aquino. Nova ocasião surgiu a partir de conversas com a equipe do Farol Santander, que também se encantou com os objetos. E finalmente esta exposição se concretiza agora, em 2024,

quando são comemorados os 200 anos da imigração alemã no Rio Grande do Sul e os 150 anos da imigração italiana no Brasil.

A data, portanto, não poderia ser mais propícia – como também não poderia haver lugar melhor do que o térreo do Farol Santander de Porto Alegre, com sua área de mais de 1.100 m² e pé direito de 12 metros. O projeto de expografia, a cargo de Tina, Lui e de Ana Paula Gallarraga, soube aproveitar a grandiosidade arquitetônica do espaço, sem obstruir a sua fruição pelo público e criando soluções que dão protagonismo às 1.055 obras apresentadas. Ao ocupar esse lugar privilegiado no centro de Porto Alegre, a mostra pode “falar” com o público que é herdeiro direto desse patrimônio.

A imigração europeia ocorreu em diferentes condições e circunstâncias nos vários estados do Brasil. No Sul, tanto os germânicos quanto os italianos receberam lotes de terra para se instalarem com suas famílias, e em dimensões bem maiores do que as das áreas em que viviam em seus locais de origem. Nas longas travessias em navios, os imigrantes carregavam poucos objetos: basicamente algumas roupas, ferramentas e livros religiosos, acondicionados em baús. Em sua maioria eram pessoas alfabetizadas, que traziam não só a experiência da agricultura, mas também dos ofícios praticados na entressafra das plantações, durante os longos invernos europeus. Marceneiros, carpinteiros, ferreiros, pedreiros, oleiros, trabalhadores das áreas têxteis, funileiros, seleiros e sapateiros, entre outros, trouxeram o seu “saber fazer”, o seu conhecimento. A maioria das obras expostas em *Artefatos do Sul* foi feita em terras brasileiras, boa parte delas de madeira, explorando a diversidade e a abundância de árvores, entre as quais açoita-cavalo, canela-preta, cedro, canjerana, louro e pinho-da-araucária.

As oficinas artesanais criadas pelos imigrantes e desenvolvidas por seus descendentes estão na gênese da industrialização dos estados do Sul. Se eles andavam descalços na lavoura nos primeiros anos, reservando os sapatos, quando tinham, para os cultos religiosos do domingo, vem do trabalho dos alemães – que transformavam o couro em botas, sapatos e selas de montaria – a conquista do título de “capital nacional do calçado” por Novo Hamburgo.

Os autores Isabel Cristina Arendt, Marcos Antônio Witt e Günter Weimar situam que é do artesanato dos anos iniciais da imigração alemã que surgiram pequenas, médias e grandes indústrias gaúchas, destacando sobrenomes que despontaram no cenário econômico brasileiro, tais como Adams, Arnt, Dreher, Gerdau, Mentz, Oderich, Renner, Ritter, Trein, entre outros.¹ A herança italiana tem exemplos significativos de empresas nascidas de pequenas oficinas, tais como Tramontina, Dell’Anno, Marcopolo e Todeschini. No ranking dos principais polos moveleiros do país lideram, por ordem decrescente, os municípios de Bento Gonçalves (RS), São Bento do Sul (SC) e Arapongas (PR).²

Por sua abrangência, variedade, quantidade, e pela qualidade das peças, a coleção Azevedo Moura dá conta de uma memória ampla da imigração na Região Sul do Brasil. A meu ver, o conjunto tem uma consistência similar à daquele reunido por Angela Gutierrez no interior de Minas Gerais e agrupado no Museu de Artes e Ofícios de Belo Horizonte. A ele se somam

¹ Isabel Cristina Arendt, Marcos Antônio Witt e Günter Weimar em *A imigração alemã no Rio Grande do Sul*. Disponível em: <http://brasil-alemanha.com/capitulo/19sec/A-imigracao-alema-no-Rio-Grande-do-Sul.php>. Acesso em 17 abr. 2024.

² Fonte: Instituto Moveleiro. Disponível em: <https://institutomoveleiro.com/os-maiores-polos-moveleiros-do-brasil/>. Acesso em 17 abr. 2024.

algumas outras iniciativas. Mas ressalvo, antes de prosseguir, que me refiro a um componente específico da formação da Região Sul, cuja história começa com os povos originários e passa pela vinda de portugueses e espanhóis, seguida pelos africanos escravizados. No início do século 19, antes da chegada de outros europeus, a população negra e indígena superava a população branca no Rio Grande do Sul. Certamente nenhuma história sobre o estado estará completa sem considerar essa pluralidade.

Voltando às iniciativas de valorização da memória da imigração, temos do lado alemão o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo (de 1959); o Museu Histórico Municipal de Dois Irmãos (1989); e o Museu Comunitário Casa Schmitt-Presser, de Novo Hamburgo (1992). Do lado italiano, o Museu Municipal de Caxias do Sul (1947), o Museu do Imigrante de Bento Gonçalves (1974) e o Museu do Pão, em Ilópolis (2008), entre outros exemplos. A mencionar ainda os vários antiquários, entre os quais o de Normélio Brill, de São Sebastião do Caí, e o de Luiz Fitarell, responsável também pelo Parque Museu Etnográfico em Garibaldi; e as rotas turísticas que articulam empreendimentos privados em casarões históricos em algumas regiões, como o Caminho de Pedras e o Caminho dos Moinhos.

Acervos desse tipo têm a capacidade de trazer à tona camadas profundas das memórias afetivas das pessoas, mesmo as que se encontravam adormecidas. Concluo a redação deste texto uma semana depois da abertura de *Artefatos do Sul*, e não me canso de receber depoimentos emocionados de visitantes. Na museologia atual, há uma mudança de foco, que sai da exclusividade do objeto (como ele é feito, qual o seu estilo, o que representa, etc.) para se atentar sobretudo no sujeito (a ressonância do objeto em quem o vê). É justamente essa troca com o público; a vontade

de sensibilizar pessoas de diferentes estratos sociais, graus de instrução, idades, etc.; de estabelecer uma “conversa” com elas, que mobiliza a minha trajetória como curadora.

Nesse sentido, *Artefatos do Sul* é um prato cheio! “Lá em casa também tinha”, “Minha avó teve”, “Me lembrei de...” são comentários frequentes. Vi lágrimas nos olhos de pessoas ao percorrerem a mostra, e também sorrisos, encantamentos, a manifestação de uma noção de pertencimento, independentemente de descenderem ou não de imigrantes alemães ou italianos. Essa reação, aliás, já havia ocorrido no Museu da Casa Brasileira – e isso em São Paulo, num contexto geográfico mais afastado.

Nos meus contatos anteriores com a coleção, eu não tinha me dado tanta conta da força do material bidimensional, que desvela o ser humano “por trás” dos objetos e o imaginário social do período – os valores cultivados, a família constituída, a forte religiosidade. Na exposição, fotos de época, materiais gráficos, ditados de parede e cartões-postais enviados ou recebidos pelos imigrantes foram colocados ao vivo em vitrines e paredes e também compõem uma projeção audiovisual de quase 10 metros de extensão, feita pelo Estúdio Preto e Branco. Em diálogo com imagens de alguns artefatos, as peças ganharam um impacto muito grande, numa poesia visual e sonora que alarga a conexão emocional com o visitante.

Outra peça audiovisual elaborada especialmente é “Uma coleção, vários olhares”, que traz entrevistas com os colecionadores e também com os autores dos textos deste catálogo. Ali (e aqui!) procuramos ir além da mera apresentação das peças para entender melhor os contextos, as motivações e implicações que esse acervo tem para o patrimônio cultural brasileiro.

E então chegamos a outro ponto importante. Para além das recordações do tipo “tempos bons que não voltam mais”, que poderiam redundar numa estéril nostalgia regressiva, gostaria de ressaltar a pertinência da reunião dessas obras na atualidade, pois elas provocam também reflexões que estão na ordem do dia. Atenho-me a três pontos:

1. Sustentabilidade – palavra tão desgastada pelo uso – implica também frear o consumo obsessivo e a obsolescência programada dos produtos; ter menos coisas e mais duráveis. Vários dos objetos presentes na exposição poderiam estar em lojas de design contemporâneo. São fortes, sólidos. Atravessam gerações. Desafiam o tempo. Se alguns têm funções que se tornaram anacrônicas no cotidiano atual (como aqueles para desnatar o leite ou para fazer manteiga), grande parte permanece com sua utilidade e seu encanto. E na esteira das mudanças de costumes, tipologias de produtos que haviam caído em desuso voltam, como os moedores de café.

2. Fala-se muito hoje na dimensão simbólica dos objetos. Os designers têm feito projetos atentos não só ao desempenho dos produtos, mas às camadas de significado que possam aportar, tais como singularidade e calor humano. Objetos que já foram descartados pelas famílias por serem “velhos” hoje são reconhecidos como atemporais e chamados de *vintage*. O fascínio pode vir das camadas superpostas de tinta, revelando a pátina do tempo, ou de detalhes – úteis ou inúteis – que transmitem a imaginação criativa de seus autores. Em italiano, *guardar* é “olhar”. Poderíamos dizer que, para guardar, é preciso primeiro aguçar o olhar.

3. O lugar do feito à mão na sociedade contemporânea vem se expandindo, em oposição aos prognósticos de que a industrialização iria matar o

artesanato. Conferências científicas e publicações apontam a emergência no século 21 de uma estética de produção e consumo com base em movimentos de pequenos artesãos, tanto no Hemisfério Sul como no Norte, onde esse fenômeno foi batizado como “movimento *maker*” e “DIY” [sigla para *Do It Yourself* (faça você mesmo)]. A parede com uma centena de ferramentas de marcenaria em *Artefatos do Sul* regala os olhos e o coração da novíssima geração de designers marceneiros espalhados por todo o país – aqueles que deixaram de lado a exclusividade do lápis ou do manejo do computador para se comprazer, lidando com plainas, formões, serrotes e goivas.

Encerro com o agradecimento a todas as pessoas envolvidas na exposição. Nós curadores habitualmente somos os únicos que aparecem nas entrevistas e nas palestras, mas a soma de competências para levantar uma mostra como essa é enorme. Nos longos meses de preparação, consultei integrantes da equipe sobre o seu objeto predileto, para ir compondo um quadro de ícones diversificado e representativo da mostra. As respostas foram as mais variadas possíveis, e quase sempre com um adendo de histórias pessoais relativas ao objeto. De minha parte, fui variando nas preferências no decorrer do tempo. Mas só agora, na redação deste texto, vem a imagem do candeeiro quase igual ao primeiro objeto que comprei na vida, por volta dos 12 anos de idade. Numa infância em que o mais próximo de obras de arte em que pude estar eram as pinturas e esculturas de santos nas igrejas, admirei as formas essenciais desse objeto tão simples e que conservo comigo até hoje.

Como disse João Guimarães Rosa pela boca de Riobaldo: “O que lembro, tenho”. E quando lembramos juntos, esse “ter” se fortalece e se alegra.

A etimologia da palavra “comemorar”, de origem latina, afinal, é “*com-memorare*”, ou “recordar com”. Assim, para além da materialidade das peças apresentadas, *Artefatos do Sul – Legados da imigração alemã e italiana* busca contribuir para a memória comum do povo brasileiro, que se plasma a partir de múltiplas misturas e contribuições.



Adélia Borges (Cássia, MG, 1951) é crítica e historiadora de design. Por sua contribuição à investigação e difusão do design brasileiro e do Sul Global, recebeu o título de Doutora Honoris Causa pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), em 2021. Suas pesquisas balizam várias produções, tais como exposições, livros, reportagens, documentários, cursos e palestras, no Brasil e no exterior. Tem textos publicados em sete línguas; é autora ou coautora de 41 livros, entre os quais *Design + Artesanato: o caminho brasileiro*. Fez a curadoria de mais de 60 exposições no Brasil e no exterior. Vive em São Paulo.